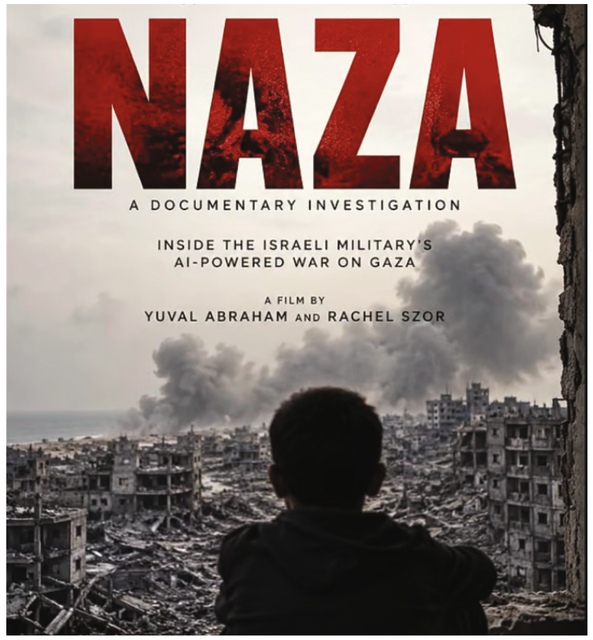
9 771647 161003

CINE VISTO

"NAZA", O FILME MAIS APLAUDIDO NO FESTIVAL DE VENEZA



O Cine Clube de Viseu (CCV), um dos mais antigos e ativos do país (assinalou no ano passado o seu 70.º aniversário), tem estado a exibir, em 2026, mais um ciclo de cinema com a alta qualidade a que nos tem habituado, a que chamou "Sinais de Fogo" (título do romance de Jorge de Sena). Em 22 de Outubro, foi a vez de NAZA (EUA/RU, 2026), o documentário de Yuval Abraham e Rachel Szor, que conquistou vários prémios e nomeações em festivais de cinema, com especial destaque para o Prémio Especial do Júri do Festival Internacional de Cinema de Veneza (2026), onde foi nomeado para o Leão de Ouro e recebeu aplausos de pé durante 25 minutos, um recorde deste festival.

"NAZA" é um acrónimo usado pelos militares israelitas para designar o número de civis que se calcula, através da IA (Inteligência Artificial), que irão ser mortos num ataque aéreo ou outro. Nos terraços dos prédios de Telavive, a coberto do anonimato da noite, Yuval entrevista soldados das IDF, que relatam com a "banalidade do mal" de que nos falou Hannah Arendt, o funcionamento desta "máquina de extermínio" montada pelos serviços de informações do Estado que ocupa e coloniza a Palestina. Um destes bombardeamentos, alegadamente para matar um resistente do Hamas, provocou 500 danos colaterais (leia-se 500 mortos!)

O realizador deixa os entrevistados falarem livremente, como se ele fosse neutro ou cúmplice, embora aqui e ali levante interrogações que os leva a confessar a barbárie. À falta de memória própria, recorro à folha de sala do CCV com a análise de Jorge Mourinha, crítico de cinema do Público (que me perdoem os leitores que foram a uma das 3 sessões que o CCV disponibilizou para este filme e que já leram isto): "(...) mais de 80 anos depois do Holocausto, Israel parece estar a repetir com os palestinianos o que a Alemanha de Hitler fez aos judeus. Não somos nós que o dizemos: é um dos entrevistados de Abraham e Szor. Um soldado de elite que estudou a Shoah, que visitou os campos de concentração na Polónia, que não entendia como o Holocausto tinha sido possível, mas que diz hoje compreendê-lo.«Ainda considero os nazis maus», diz, «mas dito isso, o que sou eu?» É essa a pergunta que NAZA faz ao espectador, com uma inteligência permanentemente cinematográfica".

Não pude deixar de me lembrar deste filme depois de ver imagens igualmente reais das crianças a dormir em tendas alagadas pelas tempestades que atingiram a Faixa de Gaza, que afectaram cerca de 20 mil famílias deslocadas, distribuídas por 339 acampamentos, 70.000 tendas inundadas (a ONU pede a entrada de 120 mil) mas Israel proíbe a entrada de 40 mil tendas prontas a entrar em Gaza. Que interessa aos palestinianos saber quem forma governo neste gigante campo de concentração desde sempre controlado por sionistas assassinos?...

"SOY CUBA", de MIKHAIL KALATOZOV

Em 5 de Novembro, foi a vez do CCV passar outro filme imperdível: "SOY CUBA" /Cuba/URSS 1964) de Mikhail Kalatozov, com uma equipa que permaneceu quase dois anos em Cuba, para retratar a revolução que Fidel e os seus guerrilheiros iniciaram dois anos antes, derrubando o ditador Batista, o que levou os EUA, que fizeram da ilha o seu quintal e bordel, a decretar um bloqueio económico, em 7.02.1962, que dura até hoje, apesar das resoluções que anualmente são aprovadas na ONU, desde 1992, exigindo o fim do bloqueio económico a Cuba, sempre com a oposição dos EUA e do seu proxis, Israel.

O filme não agradou nem aos cubanos, que não se sentiram identificados com o retrato estereotipado do povo colonizado pelos yanques, nem pelos soviéticos que acharam a estética do filme demasiado poética e afastada da ortodoxia do "realismo socialista" definido por Jdanov. E assim, o filme ficou esquecido durante 30 anos, até ser descoberto nos anos 1990 por Martin Scorsese, que disse que se não fosse esse "arquivamento" a história do cinema teria sido outra e ficado muito mais enriquecida, e por Francis Ford Coppola que o recuperaram para nosso deleite.

Já tinha visto "SOY CUBA", há meses, em Lisboa, no cinema Ideal, mas não resisti a revê-lo no CCV, de tal forma fiquei fascinado pela inovadora técnica de câmara e a fotografia de Sergey Urusevsky, com incríveis planos-sequência (sem cortes), numa época em que não existiam gruas, steadicams ou drones, usando cabos, cordas, roldanas e a passagem da pesada câmara de 35 mm de mão em mão dos técnicos, levando o espectador a voar por entre as casas de uma rua de Havana, durante o funeral de um revolucionário, depois de subir pelo exterior e interior de um prédio onde os fabricantes de charutos desfraldaram uma bandeira de Cuba com a estrela vermelha.

As primeiras imagens do filme são uma visão aérea da ilha, sobre os palmeirais, que desce até aos povos lacustres a remar em embarcações artesanais, com uma fotografia a lembrar-nos a mestria de Sebastião Salgado a retratar povos indígenas. E é, então, nos indígenas da ilha que eu penso ao ver as imagens, eles que foram chacinados quase até à extinção, como o chefe Hatuey que comandou a resistência aos espanhóis, durante mais de dois meses, com táctica de guerrilha, até ser condenado à fogueira. Só em 1511-1513 Diego Velásquez conquistou Cuba que se tornou uma plataforma logística para os conquistadores do México, quase 20 anos depois de Colombo ter encontrado Cuba, em 1492, e deparou com os ciboneyes, guanacahíbes e taínos e chamou-lhes "índios", pensando que tinha chegado à Ásia (erro detectado por Leonardo da Vinci, 22 anos antes da viagem de circum-navegação de Magalhães e Del Cano. Depois da guerra com Espanha pelo controlo da ilha, os EUA ocuparam militarmente a ilha (Guantánamo até hoje) e fizeram dela um protectorado, com governos fantoches, como o de Batista que fez um golpe de Estado com o apoio dos EUA para derrubar um regime progressista, até que em 1.01.1959, Fidel, Camilo Cienfuego e Ernesto Guevara e outros camponeses, operários e estudantes revolucionários entram em Havana. É esta realidade que o filme documenta, mas de uma forma poética e demasiado revolucionária, cinematograficamente, para o gosto stalinista.

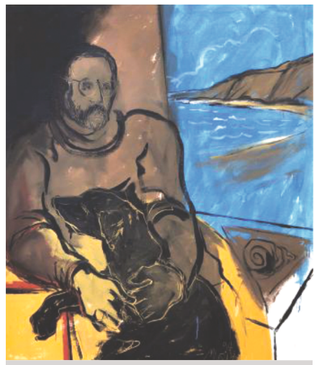
Carlos Vieira e Castro

Nota: O autor não segue o (des)acordo ortográfico de 1990, mas por respeito pelos leitores por ele já forma(ta)dos, cede nas alterações menos lesivas.

MOSTRA DOS FUNDOS EUROPEUS 2026 DISTINGUE MOBILIDADE SUAVE DE VISEU DÃO LAFÕES



Via Rápida
QUINZENÁRIO DA REGIÃO DE VISEU
12/11/2026 • PREÇO: 0,50 € (IVA incluído)
SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS • Directora: TERESA CARDOSO • ANO XXXII • Nº 761
Autorizado a circular em invólucro fechado Despacho DE 0464 - 2005 - DCN
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
PRESS



CONCURSO «JOSÉ MOUGA» DESAFIA CRIATIVIDADE DOS JOVENS NA DESCOBERTA DA ARTE CONTEMPORÂNEA



DO FONTELO ATÉ RIO DE LOBA: ESTUDO ABRE PORTAS A MEGA OPERAÇÃO URBANÍSTICA

SÁTÃO INAUGUROU OBRAS DE CINCO MILHÕES EM DIA HISTÓRICO PARA O CONCELHO



OPINIÃO

MINISTRO DA PRESIDÊNCIA COPIA SALAZAR E A PSP METE O GOVERNO NA ORDEM

Pág. 2